

“Terra da gente, terra amada”!

Voçorocas, lendas e educação conscientizadora

SILVEIRA, Janice Alexandra de Oliveira¹

Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei,
Minas Gerais, Brasil

RAMOS, Bruna Sola da Silva²

Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei,
Minas Gerais, Brasil

RESUMO

Este artigo busca problematizar os principais resultados de um processo de construção dialógica pautado na elaboração de Círculos Formativos, inspirados na Metodologia de Investigação Temática freireana (FREIRE, 2014; 2017a; 2017b). Em encontros formativos buscamos a produção de sentidos de professores e professoras de uma escola de Morro do Ferro, distrito da cidade de Oliveira em Minas Gerais, Brasil. Entendemos que estes participantes estabelecem relações de amorosidade entre o ‘fazer diário’ e o amor por sua terra, permeada por lendas e expressões culturais.

Palavras-chave: Voçorocas. Educação Conscientizadora. Emancipação.

1 Mestra em Educação pela Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). Professora da <https://orcid.org/0000-0001-6290-5487> Rede Particular e Estadual de Ensino de Minas Gerais. Email: janiceolvbio@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0012821581949657>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6290-5487>.

2 Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora associada do Departamento de Ciências da Educação – DECED do Programa de Pós-graduação em Educação (PPEDU) – Brasil. Coordenadora do Grupo de Estudos críticos do discurso pedagógico – GecDip e da Cátedra Paulo Freire da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Email: brunasola@ufs.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3014470738996427>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9478-9393>.



REVISTA
interritórios

Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253543>

"Land of the people, beloved land"! Vozorocas, legends, and consciousness-raising education

ABSTRACT

This article seeks to problematize the main results of a dialogical construction process based on the development of Formative Circles, inspired by Freirean Thematic Investigation Methodology (FREIRE, 2014; 2017a; 2017b). In formative meetings, we sought the production of meanings of male and female teachers of a school in Morro do Ferro, a district of the city of Oliveira in Minas Gerais, Brazil. We understand that these participants establish loving relationships between the 'daily work' and the love for their land, permeated by legends and cultural expressions.

Keywords: Voçorocas. Consciousness-Building Education. Emancipation.

"¡Tierra del pueblo, tierra amada! Vozorocas, leyendas y educación de sensibilización

RESUMEN

Este artículo busca problematizar los principales resultados de un proceso de construcción dialógica basado en el desarrollo de Círculos Formativos, inspirado en la Metodología Freireana de Investigación Temática (FREIRE, 2014; 2017a; 2017b). En los encuentros formativos se busca la producción de significados de los profesores de una escuela de Morro do Ferro, distrito de la ciudad de Oliveira en Minas Gerais, Brasil. Entendemos que estos participantes establecen relaciones amorosas entre el "hacer cotidiano" y el amor a su tierra, impregnadas de leyendas y expresiones culturales.



REVISTA
interritórios

Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253543>

*“Terra da gente, terra amada!”
Voçorocas, lendas e educação conscientizadora*

Havia uma lenda no meio do caminho. Uma lenda. Não uma pedra, como na poesia de Drummond. A Lenda das Voçorocas de Morro do Ferro.

Figura 1: Vista parcial de Morro do Ferro (MG) com a Igreja Matriz de São João Batista e as voçorocas ao fundo



Fonte: Fotografia de Saulo Guglielmelli.

Morro do Ferro é um distrito da cidade de Oliveira, nas Minas Gerais. Localizado na região Centro-Oeste do estado, conta com uma população de 2.500 habitantes e tem sua economia voltada para agricultura e pecuária, destacando-se na produção de pequenas lavouras de verduras e legumes, além de derivados do leite (feitos com leite de búfalas), cachaça artesanal, café e biscoitos diversos.



Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253543>

Está cercado por erosões enormes, algumas muito próximas das residências e do cemitério local, atualmente atingindo 1.000 metros de comprimento por 610 metros de largura e 4 metros de profundidade, o equivalente a 70 campos de futebol. Como vemos na fotografia, o perímetro urbano do distrito está no alto de uma colina, ladeada por grandes erosões e voçorocas (SANTIAGO, 2018).

Gomide *et al* (2011) denunciam que a região Sul de Minas Gerais apresenta um quadro preocupante, com grandes áreas comprometidas com a degradação do solo pela erosão hídrica do tipo voçoroca. A Agência Embrapa de Informação Tecnológica conceitua tal fenômeno geológico como sendo formações de grandes buracos de erosão, causados pela chuva e intempéries, em solos onde a vegetação é escassa e não mais protege o solo, que fica cascalhado e suscetível de carregamento por enxurradas. O desenvolvimento das ravinas e voçorocas, descrito na literatura brasileira, é, geralmente, atribuído a mudanças ambientais induzidas pelas atividades humanas.

As voçorocas de Morro do Ferro são cena e tema da vida cotidiana de Morro do Ferro. São estórias contadas por gerações, prenhes de afetos e “mistérios” que se fizeram lenda: A lenda das Voçorocas. Contam os mais antigos moradores do lugar sobre a praga que o padre teria rogado ao povoado de Morro do Ferro:

[...] o cônego Meireles de Barros teria rogado uma praga ao povoado, ao ficar sabendo que o mais poderoso fazendeiro da região, o coronel Arnaldo Silva, teria prometido surrá-lo na frente de todo mundo, por causa de um atraso na celebração de uma missa de Natal. O coronel teria dito que, se o padre não chegasse para a celebração da missa até o meio dia, seria amarrado em um dos coqueiros da praça e tomaria uma surra. Segundo a história, o padre não chegou a levar surra. Ele teria ficado sabendo dos planos do coronel e logo rogou a praga: o



coronel iria acabar na miséria e Morro do Ferro seria comido pelos buracos! (MARTINS, 2011, p. 723-724).

As lendas que permeiam as Voçorocas de Morro do Ferro, com sua forma imaterial, representam a Cultura daquele povo. Com significado único, apropriada pelos diferentes atores sociais, elas criam e recriam os saberes em torno do seu ambiente natural e social. Como cultura, elas transformam o mundo, transformam os seres que vivem e revivem com o mundo. A significação cultural da Lenda das Voçorocas faz-se tão importante que, de acordo com Santiago (2018), ela foi inventariada como patrimônio cultural imaterial na categoria forma de expressão.

Contudo, também se faz necessário conhecer os fatores ambientais e antrópicos que possivelmente contribuíram para o voçorocamento em Morro do Ferro. Os tipos de solo que predominam naquela região são da classe Cambissolos de vegetação de campos cerrados. Uma das principais características desse tipo de solo é serem pouco profundos, muitas vezes, cascalhentos, pedregosos e arenosos. Estes tipos de terreno são pobres em nutrientes, por isso, possuem uma vegetação rala ao final da estação de estiagem. Porém, o maior problema desse tipo de solo é o risco de erosão. Devido à baixa profundidade, o que acarreta a baixa permeabilidade, estão mais susceptíveis a processos erosivos, com a formação de sulcos causados pelas enxurradas, mesmo quando usados como pastagens.

Outro processo que pode explicar o surgimento das voçorocas está relacionado à retirada de cascalho. Ocorrido entre as décadas de 1960 e início da década de 1980, a remoção do material de cobertura, de uma serra que fica na entrada do distrito, foi utilizado para o fornecimento de cascalho para a construção da rodovia Fernão Dias e para a BR-494, respectivamente (MARTINS, 2011). Desde a década de 1960 vários estudos, relatórios e pareceres foram realizados, com o intuito de compreender as causas e buscar



soluções para o voçorocamento em Morro do Ferro. Porém, Martins (2011) nos explica que, mesmo com toda essa mobilização, não houve concretização de nenhum dos projetos.

As voçorocas causam grandes prejuízos, ambientais, sociais e econômicos. Para a sua recuperação, são necessárias ações de acompanhamento e investimento, tanto por parte do poder público, quanto por parte da comunidade local. Contudo, no entendimento de Martins (2011), “o que falta é vontade e empenho político. (...) as autoridades governamentais não se empenham na recuperação das voçorocas porque não há visibilidade para este tipo de ação, uma vez que o processo de recuperação pode ser muito lento (MARTINS, 2011 p. 727).

A aproximação que fizemos com todo esse cenário envolveu processos de escuta e de reconhecimento de Morro do Ferro, inicialmente, por meio de um projeto pedagógico realizado na escola pública do distrito, que possibilitou observar e compreender os processos de degradação sofridos pelo Rio Jacaré, trazendo o reconhecimento da importância do desvelamento da realidade ambiental daquela região.

O pequeno distrito é rodeado por problemas como as voçorocas, que se apresentam, para a comunidade, como uma “situação-limite” (FREIRE, 2017b), um obstáculo interposto à sua humanização, exigente de “atos-limites”, ou seja, respostas transformadoras. Nesse processo de escuta e observação, partindo do reconhecimento das voçorocas como uma “situação-limite”, dedicamo-nos a uma pesquisa-formação que foi realizada com um grupo de professoras/es da escola estadual do distrito, na qual buscávamos compreender como se posicionam diante da realidade ambiental em que se inserem.

O presente artigo é fruto desta pesquisa-formação e analisa, com fundamento em Paulo Freire, o que a Natureza em forma de voçoroca fez brotar



daquela Terra: fé, lendas e mitificação; conhecimento, educação e conscientização – temáticas geradoras permeadas de sentidos e sentimentos, do pensado e do vivido, amalgamadas, e jamais findadas em si mesmas. Nesse movimento, apontamos os Círculos Formativos como construção teórico-metodológica que nos possibilitou dialogar com os sujeitos-professores/as, na composição de um processo intencional de significação conscientizadora da realidade.

A pesquisa-formação e os círculos formativos: aproximações freireanas

A pesquisa-formação, assim como outras modalidades de pesquisas que buscam intervir na formação e na ação de seus participantes, centra-se em uma deliberada aproximação entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa e toma assento em uma racionalidade mais humana, mais sensível e dialógica (PERRELLI *et al.* 2013, p.280), “que admite a possibilidade de os sujeitos – pesquisadores e pesquisados – produzirem conhecimento no exercício da escuta do outro”. A esse respeito, Ronco (2019, p. 34) salienta que “no encontro entre esses sujeitos, a divisão e o distanciamento de lugares são eliminados e a ideia de quem produz os conhecimentos é transformada, pois estes são partilhados”.

Assim, o desenvolvimento da pesquisa com aporte nos pressupostos que dão corpo à pesquisa-formação (favorecimento da escuta, da partilha, da mobilização dos saberes, a conscientização e a transformação) representa um processo de superação de formas convencionais de pesquisa e formação, que, historicamente, têm minimizado os professores a simples “amostras e, portanto, a objetos de estudo” (LONGAREZI; SILVA, 2013, p. 215). Ao contrário,



Trata-se de compreender a formação do sujeito não o reduzindo a objeto, recusando a aprendizagem que não permita transformação e vivências práticas, que não chame o indivíduo para participar de seu processo e não permita trocas entre os saberes e a busca pelo novo. Isso vale tanto para o professor, quanto para o estudante, quebrando dicotomias e superando a lógica estabelecida (LONGAREZI; SILVA, 2013, p. 216).

Reconhecida a potencialidade da articulação pesquisa e formação como fomentadora de processos dialógicos, conscientizadores e transformadores, pretende-se aqui vinculá-las à perspectiva freireana de problematização da realidade. Com Ramos (2021) compreendemos a força da pesquisa-formação como uma abordagem que, compreendida como um instrumento bifronte, de caráter crítico-criativo, assume uma face formativa, intencionalmente dialógica e conscientizadora; e outra, investigativa, na qual os instrumentos mobilizadores desse diálogo e os saberes que circulam entre os sujeitos fazem-se objetos e fonte de pesquisa, produzindo conhecimentos que podem retroalimentar as possibilidades de diálogo e conscientização. Segundo Ramos (2021), é a perspectiva problematizadora da realidade de Paulo Freire que torna indissociáveis as duas faces da investigação.

Para o desenvolvimento de nossa proposta, buscamos fundamento na metodologia da investigação temática de Paulo Freire (2017b), uma vez que esta nos permite, por intermédio de um movimento crítico-dialógico, a problematização da realidade dos sujeitos, implicando a construção coletiva do conteúdo programático da educação. Os elementos constituintes desse programa orientam-se em temas geradores que emergem do diálogo problematizador que ocorre entre os investigadores e o povo. Tais temas geradores estão relacionados às “situações-limites”, anteriormente referidas, as



quais, Paulo Freire (2017b) compreende como sendo determinantes históricas que somente poderão ser superadas por meio da percepção crítica da realidade.

Esta Investigação implica, necessariamente, uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. Daí que seja igualmente dialógica. Daí que, conscientizadora também, proporcione, ao mesmo tempo, a apreensão dos ‘temas geradores’ e a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos (FREIRE, 2017b, p.121, grifo do autor).

Segundo Freire (2017b, p.128), os temas geradores são aqueles que possibilitam a percepção que os homens estejam tendo de si e do mundo e, por isso, não se encontram separados da realidade, separados das relações homens-mundo. Por esse motivo é que os temas geradores devem partir de situações reais, concretas, existenciais para os homens, situações em que os homens se reconheçam nelas, como transformadores da realidade, criando história e fazendo-se seres histórico-sociais.

Ao se realizar por meio de uma metodologia dialógica e conscientizadora, a investigação temática busca inserir homens e mulheres em uma forma crítica de pensarem seu mundo. No entanto, é necessário compreender que, nesta proposta metodológica, não se investigam os sujeitos, mas seu pensar – pensar que não se dá fora deles, mas neles e entre eles. Por isso mesmo, é que esta investigação jamais poderá reduzir-se a um ato mecânico. Estando ela no domínio do humano, e não no das coisas, torna-se instrumento de busca, de conhecimento e de criação (FREIRE, 2017b).

Conforme a concepção freireana, é no interior dos Círculos de Cultura que desenvolvemos a investigação do universo temático do povo. Símbolo das experiências dos movimentos de cultura e de educação popular, vivenciados por Freire nos anos de 1960, os Círculos de Cultura são espaços em que

dialogicamente se ensina e se aprende. Lugar em que o conhecimento é produzido e não imposto pelo “educador a ou sobre o educando” (FREIRE, 2019a, p. 192). Círculos, porque todos participantes estão à volta de uma equipe de trabalho, na qual não há lugares proeminentes, todos participam ativamente, ensinam e aprendem, a partir de diálogos vivenciados em todos os momentos; de Cultura, porque, mais do que aprender a ler-e-escrever, os círculos produzem “modos próprios e novos, solidários, coletivos, de pensar”, possibilitam a construção de uma nova maneira de fazer cultura que faz dos homens sujeitos da própria história (BRANDÃO, 1991, p. 43).

Com fundamento em Paulo Freire, desenvolvemos o que chamamos de Círculos Formativos, buscando valorizar o reconhecimento que as/os educadoras/es, inseridos em uma realidade ambiental particular, estão tendo de si e do espaço-tempo em que se encontram e, dessa forma, possam expressar seus modos próprios de pensar e viver essa realidade. Estes Círculos Formativos se constituem por encontros dialógicos, permeados por práticas problematizadoras e reflexivas, nos quais se busca a construção e a reconstrução contínua de sentidos que emergem no encadeamento das temáticas significativas. No caso em tela, isso se constituiu a partir da leitura crítica da realidade ambiental experienciada na comunidade de Morro do Ferro.

Para a realização da pesquisa-formação contamos com a participação de seis docentes da única escola estadual do distrito, sendo quatro mulheres e dois homens. Os docentes participantes da pesquisa atuam em diferentes áreas, sendo Antônio professor de matemática, Ana professora de língua portuguesa e língua inglesa, assim como a participante Cíntia. João Eduardo formado em Geografia, Geralda em Normal Superior, atuando nos anos iniciais e Elena formada em Ciências Biológicas, professora de ciências e biologia. Dos seis professores, apenas uma não é natural do distrito de Morro do Ferro, mas mudou-se para lá com a família, ainda muito pequena. Todos são professores



efetivos e trabalham há mais de cinco anos na escola. Seus nomes foram mantidos sob expressa autorização, tendo sido a pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética - CEP com o parecer nº 3.541.697.

Os Círculos Formativos possibilitaram a abertura ao diálogo com as/os professoras/es, ofereceram possibilidades de desvelar a realidade por meio da escuta simpática de si e do outro, oportunizaram o debate sobre a realidade sócioambiental que os rodeia. Dessa forma, recolhemos, no encadeamento das temáticas significativas, indícios dos sentidos que estas/es professoras/es constroem sobre tal a realidade

Para isso apoiamo-nos em fotografias. Fotografias que retratam a simplicidade de um lugar, de um povo, carregadas de elementos da vida e do mundo que os cercam. Fotografias das gentes, dos lugares, das tradições e da natureza. Fotografias que nos permitiram a apreensão das temáticas significativas, seu desvelamento e a proposição e problematização dos temas geradores.

Assim como as fichas de cultura, utilizadas por Paulo Freire e sua equipe durante o desenvolvimento dos Círculos de Cultura, as fotografias “sugerem os debates a partir das situações existenciais” (BRANDÃO, 1991, p. 50), inauguram os diálogos e introduzem questões que foram sendo problematizadas no decorrer do desenvolvimento dos Círculos Formativos. Como elementos gráficos codificadores da realidade e carregados de histórias, de contos e recontos, buscamos na interpretação e na problematização de seus significados a compreensão, não só da paisagem em si, mas do contexto que a circunda.

Ao longo desse processo os sujeitos da pesquisa foram instigados a perceberem sua própria realidade. Na medida em que admiravam as fotografias iam exteriorizando sentimentos carregados de histórias, de memórias, de “temas da comunidade: seus assuntos, sua vida”, “temas concretos da vida que

*“Terra da gente, terra amada”!
Voçorocas, lendas e educação conscientizadora*

espontaneamente aparecem quando se fala sobre ela” (BRANDÃO, 1991, p. 37), aproximações iniciais com seu mundo e com o modo como veem o seu mundo.

Ao redigir seu trabalho, sugerimos o uso de não mais de três níveis de subtítulos.

Fé, lendas e mitificação da realidade

De nosso encontro dialógico com educadoras e educadores, moradores de Morro do Ferro, uma tríade temática brotou da terra, uma terra querida e amada, “terra da gente”, como tantas vezes a ela se referiram. Uma terra esculpida por barrancos, cravada pela cultura, pelo trabalho e pela natureza. Assim foi como os participantes descreveram Morro do Ferro, por meio das fotografias que traziam as gentes, os lugares, as tradições e a natureza daquele lugar.



REVISTA
interritórios

Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253543>

*“Terra da gente, terra amada”!
Voçorocas, lendas e educação conscientizadora*

Figura 2: Material utilizado para suscitar os debates sobre a temática



Fonte: Fotografias de Saulo Guglielmelli.

Fotografias que, como elementos gráficos codificadores da realidade, foram decodificadas em nossos diálogos e nos possibilitaram compreender sentidos múltiplos que elas despertam, contextos que as envolvem, contradições nem sempre aparentes e relações entre partes outrora fragmentadas.

Durante todo o tempo de pesquisa, atentas às falas daqueles participantes, percebemos a presença marcante de Morro do Ferro enquanto berço de uma tradição mantida com sabedoria por um povo que vivencia as limitações provocadas pelas grandes voçorocas. Assim, a escuta e os diálogos nos encaminharam à compreensão de como a “Lenda das Voçorocas”, enquanto patrimônio cultural, e a festa de São João Batista, padroeiro do distrito, se relacionam com a cultura, com o trabalho e com a natureza à sua volta.

“Fé e os barrancos”, “opressão do medo”, foram termos utilizados pelos participantes para externar o que viam nas fotografias: representações de uma Terra que vive a tensão entre o belo e a destruição, entre a crença e a



REVISTA
interritórios

Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253543>

*“Terra da gente, terra amada”!
Voçorocas, lendas e educação conscientizadora*

insegurança. Lançamos, justamente, a dúvida acerca do que seriam essas representações para os professores do distrito, entendendo que não existe uma resposta única ou uma única leitura: são múltiplos os sentidos que (trans)formam a nossa visão e nossa forma de estar com o mundo.

Presente no cotidiano daquelas pessoas, a imagem despertou sentidos carregados de fé, esperança, mas, também, destruição.

Mistura de beleza e destruição. A fé, a religiosidade na torre da igreja contrastando com a terra sangrando. Lembrei da lenda do padre, o poder da crença, a busca por justificativa, respostas. O relógio marcando o tempo. Que tempo? Ontem, hoje??? o futuro??? A igreja com a porta fechada e a terra aberta em sulcos. Mas a igreja representa Deus, fé, consolo e acalento. Nosso coração aberto a Deus. (CÍRCULOS DE FORMAÇÃO, CÍNTIA, 04/11/20).

A participante Cíntia mobiliza em sua fala sentidos nela despertados no momento em que mirou (de fora) o local em que vive. A fé, a religiosidade e a beleza, representações que faz da igreja, seguidas pela destruição, pelo poder de uma crença que busca por justificativas para o fato do solo de Morro do Ferro sangrar aberto em sulcos. Cíntia também recorre tempo e se pergunta: “que tempo? ontem, hoje, o futuro?”, fazendo uma reflexão sobre o seu mundo, sobre a realidade concreta que permeia seu mundo, constituída na grande temporalidade. Enraizada nessa realidade concreta buscando dela se tornar mais consciente, Cíntia vai construindo um sentir e um pensar de que “o lugar onde estou sendo é mais do que um pedaço de chão” (HENZ, 2017, p. 327). E esse “pedaço de chão”, não é apenas espaço físico, mas, espaço histórico de vida (FREIRE, 2019a).

Nas fotografias codificadoras da realidade problematizada, é possível verificar a Igreja Matriz de São João Batista, mas seu entorno, com grandes sulcos abertos na terra, denuncia os reflexos da ação humana na paisagem



REVISTA
interritórios

Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253543>

natural de Morro do Ferro. Os professores veem essa situação com tristeza e preocupação, uma vez que as voçorocas podem representar uma ameaça à paisagem natural do lugar. Antônio vê Morro do Ferro como um “lugar ameaçado”, cuja origem remonta à origem de diversas outras cidades: com a construção de uma igreja ao centro e casas ao entorno, mas com elementos que trazem incerteza para a população ávida por manifestar sua fé.

A foto me remete a um lugar ameaçado, uma cidade, um lugar. Sua origem se dá com a construção de uma igreja e casas no seu entorno. A foto nos lembra isto, uma comunidade ameaçada por uma grande voçoroca (CÍRCULOS DE FORMAÇÃO, ANTONIO, 04/11/2020).

Essa fé, expressada pelos participantes e muito bem narrada pela poesia de Antônio, representada também pela Matriz de São João Batista, é a expressão legítima da formação de um lugar. O lugar é determinante para a construção da identidade de determinado povo, neste caso, os moradores de Morro do Ferro, que estabelecem um paralelo entre as voçorocas e algo como a religiosidade, entendendo que a paisagem natural do lugar está tão imbricada na gênese deste povo, quanto a sua fé e sua cultura. Segundo Almeida (2011, p. 946) o “principal pressuposto para a formação de um lugarejo é o fermento da fé”.

Morro do Ferro, pequeno distrito, localizado entre montanhas de alto teor mineral, é berço de uma religiosidade que brota da terra, semeada pelo amor incondicional ao padroeiro do distrito, São João Batista. Morro do Ferro, aos olhos de seu povo, é Terra misturada, é “ouro, minério, areia, cascalheira e grandes voçorocas”, é beleza assustadora que lembra àquele povo todos os dias a necessidade de se ter “consciência ambiental” (FREITAS, 2011, p. 894).



Ao serem problematizadas a lenda e sua relação com a mitificação da realidade e os processos de voçorocamento, que se intensificaram ao longo dos anos em Morro do Ferro, Cíntia comenta que

A lenda tem o poder de justificar algo, nesse caso o surgimento dos barrancos. A crença na praga do padre gera medo e as pessoas se acomodavam nessa justificativa. Elas acreditavam na lenda e achavam que não havia o que fazer. As voçorocas era fato e nada se podia fazer, seríamos engolidos por elas. Então nada a fazer, só esperar a consumação da profecia. A lenda e a festa fazem parte da nossa cultura, estão enraizadas em nós. A lenda era justificativa para as voçorocas o povo agia e reagia em função dela e do medo. A festa é cultura e transforma todo o Morro do Ferro durante o mês de junho, ela transforma o coração e a vida de cada um. O povo se transforma e trabalha pensando nessa festa (CÍRCULOS DE FORMAÇÃO, CÍNTIA, 11/11/20).

O relato de Cíntia demonstra como a religiosidade é permeada pela história do povo de Morro do Ferro. Assim como a Festa de São João Batista, a lenda ou “praga do padre” está inscrita no DNA destas pessoas que, conforme seu relato, bem evidenciam o medo como instrumento de conquista (FREIRE, 2017b). Como ela mesma denuncia: “Nada a fazer: só esperar a consumação da profecia”. Fatalismo que interessa aos poderosos, já que a lenda, passada de geração a geração, despertava medo, sensação de impotência diante do transcendental e a crença de que não se tem poder para transformar a própria realidade.

Chama-nos atenção as frases ditas pela participante: “a crença na praga do padre gera medo e as pessoas acomodavam nessa justificativa” [...] “A lenda era justificativa para as voçorocas, o povo agia e reagia em função dela e do medo”. Sua fala reafirma o que Freire (2017b, p. 187) nos fala sobre a conquista, uma das características da teoria da ação antidialógica. Para o autor, a conquista



é uma necessidade do antidiálogo que implica um sujeito que conquista e um objeto conquistado, assim instaurando uma situação opressora, que carrega em suas matrizes a mitificação do mundo. Ao mitificar o mundo, os opressores tentam matar nos homens sua condição daqueles que admiram o mundo para poder compreendê-lo. “Daí que, na ação da conquista, não seja possível apresentar o mundo como problema, mas, pelo contrário, como algo dado, como algo estático, a que os homens se devem ajustar” (FREIRE, 2017b, p. 187).

Assim como Cíntia, os demais docentes também trazem consigo um olhar singular sobre aquele lugar que agora viam “de fora” e “com” o outro. Entra em cena a relação homem-Deus, em suas relações fundantes e, por vezes, contraditórias.

Deus acima de tudo. Porque é a imagem da igreja, apesar do entorno estar todo em barranco, mas a igreja está lá, perfeita, intacta. Então eu coloquei “Deus acima de tudo. Apesar dos obstáculos, a fé inabalável”. Contando que esses obstáculos seriam aí as voçorocas no entorno também da igreja. E apesar desses problemas, a fé inabalável, por causa da igreja que está no centro daquela foto. Coloquei também “lugar onde eu sinto muita paz”, que é um lugar abençoado. Coloquei assim “há beleza onde menos se espera”. Porque, pra mim, com os olhos que eu enxergo essa foto, eu ainda coloquei assim “a arte depende do olhar e da sensibilidade de quem a vê”. Porque eu enxergo beleza nessa foto, e muitas pessoas podem falar “nossa, é só barranco”, né!? “É só voçoroca”. E, pra mim, eu enxergo beleza nesta foto, tirada com as voçorocas no entorno. Eu vi beleza ali também, história, é a cultura, como diz a Geralda, e a igreja ali no centro, mostrando que apesar de todo esse entorno, de todos esses problemas que a gente tem aqui, a igreja se mantém viva, a igreja é o centro, né!? Daquela foto. A igreja é a fé, Deus, o lugar de paz. Então eu coloquei isso e coloquei esse lugar abençoado onde eu sinto paz. E coloquei também “rachaduras na alma levam a nos conectar com Deus”, colocando como se essas rachaduras, as voçorocas, as erosões no entorno da igreja leva-nos a conectar com Deus. Essas rachaduras seriam uma metáfora na alma, os obstáculos, as tristezas,



*“Terra da gente, terra amada”!
Voçorocas, lendas e educação conscientizadora*

as depressões. Os problemas que a gente enfrenta no dia-a-dia que nos levam a sempre nos conectar com Deus. Esta foi a imagem que me veio à mente (CÍRCULOS DE FORMAÇÃO, ANA, 04/11/2020).

Ana vê beleza onde, talvez, mais se destaque a destruição. É que viu história e viu, também, cultura, naqueles barrancos. Viu passado, presente e futuro indissociáveis. E viu, mais fundo que na superfície, a contradição que não podia calar: é “Deus acima de tudo”, mas enquanto o entorno está todo em barranco, “a igreja está lá, perfeita, intacta”. Por que será?

Esse mesmo entorno mostra os reflexos da ação humana na paisagem natural de Morro do Ferro, o que gerou muita inquietação entre os participantes, trazendo à tona o problema das atividades de mineração praticadas no distrito, que também envolvem sérios impactos ambientais. Buscando o encadeamento temático que compõe os encontros dialógicos no seu acontecer reflexivo, apresentamos algumas fotografias relacionadas à atividade de extração do minério.

Tendo em vista os últimos acontecimentos relacionados a crimes ambientais – como os que ocorreram nas cidades de Mariana, em 2015, e em Brumadinho, em 2019, ambas em Minas Gerais – apresentamos a imagem de uma explosão em uma mineradora instalada em Morro do Ferro. Buscamos discutir o impacto da ação humana no ambiente, bem como os riscos de uma exploração desenfreada, tanto para a população, quanto para a natureza.



REVISTA
interritórios

Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253543>

Figura 3: Momento de uma explosão em uma das mineradoras do distrito de Morro do Ferro



Fonte: Fotografias de Saulo Guglielmelli.

Os relatos construídos no processo de observação e leitura coletiva das fotografias trazem um misto de indignação e consternação. Ao mesmo tempo em que os participantes se entristecem pelos impactos ambientais causados pela atividade de mineração, eles reconhecem a importância desta para o distrito, já que é fonte de emprego e renda para muitas pessoas. A exploração seria, então, predatória, mas necessária.

A fala de João, transcrita no fragmento a seguir, compara a instalação de uma mineradora ao progresso, já que ela permitiria o uso de diferentes maquinários e trabalho especializado. Já o impacto ambiental e visual – descrito por ele como uma “cena muito forte” – seria uma consequência desse



REVISTA
interritórios

Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253543>

progresso, um “mal necessário”, em face das novas realidades vivenciadas na contemporaneidade.

É importante, né?! Porque a mineração, infelizmente, é o progresso que chega, né!? O mundo necessita de mais coisas do solo, do subsolo. Então é um impacto que vai causar muitas coisas, né!? Pra quem é sitiante, em volta, fazendeiros. O impacto ambiental, visual também. É uma cena muito forte, mas é o mundo moderno, né?! Se a gente tá nele, infelizmente ou felizmente, a gente adere a certas coisas. Mas com moderação, né!? Tem que ter um pouquinho. Falar em moderação, talvez é impossível de isso acontecer nos dias atuais (CÍRCULOS DE FORMAÇÃO, JOÃO, 04/11/20).

O que fazer então? Conforme a denúncia de João, “é o mundo moderno, né?”, “a gente adere a certas coisas”. Essa “aderência”, a que se refere João, diz muito da contradição opressões-oprimidos denunciada por Freire em *Pedagogia do Oprimido*. A aderência do oprimido é parte do projeto de opressão. Segundo Paulo Freire (2017b, p.43), “somente na medida em que se descubram ‘hospedeiros’ do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora”

Ao tratar das ideias de Freire, buscando enfocar uma agenda para o século XXI, Gadotti (2001), em *Pedagogia da Terra*, aborda como, hoje, enquanto humanos, temos o potencial para salvar e também para destruir nosso planeta, tendo em vista as mudanças, tanto nos sistemas econômicos, quanto em termos de sociedade e capacidade de disseminação de informações. “O potencial destrutivo gerado pelo desenvolvimento capitalista o colocou numa posição negativa frente à natureza. O capitalismo aumentou mais a capacidade de destruição da humanidade do que o seu bem-estar e prosperidade” (GADOTTI, 2001, p. 82).



Apoiando-se na globalização, o educador João indica que parece não haver um freio para que a situação seja modificada. De fato, essa luta pela sustentabilidade parece ser algo difícil em nossa sociedade atual. Gadotti (2001, p. 105) toca justamente no ponto destacado por nosso participante, sobre a necessidade de pensarmos um distrito, uma região ou um planeta mais sustentável: “Sem que o planeta seja preservado, as lutas por melhores relações sociais, pela justa distribuição da riqueza produzida etc. perdem sentido, pois de nada adiantarão estas conquistas se não tivermos um planeta saudável para habitar”.

Por essas trilhas de sentidos, a temática da educação ambiental nas escolas emerge, o que, segundo a participante Ana, pode fazer com que as crianças desenvolvam uma consciência ambiental, a fim de levarem estes conhecimentos para a vida adulta, prezando pela sustentabilidade. Para ela, não basta que a sensibilização seja realizada, é preciso que essas crianças também vejam que os adultos estão trabalhando em prol da preservação do meio ambiente, tendo em vista o ambiente natural de Morro do Ferro. Assim sendo, educar as futuras gerações para a preservação ambiental seria uma forma de preservar também sua cultura e as paisagens naturais do ambiente onde moram.

Se por um lado a lenda foi, e por diversos motivos, pode ainda continuar sendo vista como um fato consumado, sobre o qual os moradores têm pouca influência e pouco podem se proteger; por outro lado, ao questionarem sobre as bases desse pensamento, as pessoas podem iniciar estratégias básicas de preservação para o distrito. O relato de Ana, a seguir, demonstra como, hoje, a lenda pode ser entendida como um mito, passível de refutação por meio da construção de conhecimentos.



*“Terra da gente, terra amada”!
Voçorocas, lendas e educação conscientizadora*

A lenda deve ser o ponto de partida para o trabalho de conscientização da população, seria a problemática e a conscientização os possíveis caminhos para a solução do problema. Transformar a realidade através das ações coletivas e até mesmo individuais enquanto cidadão do lugar. Já existe a máxima " pensar globalmente e agir localmente", cada um em seu espaço, como um trabalho de formiguinha, plantando a sementinha hoje para colher bons frutos e deixarmos um mundo melhor para as futuras gerações. A partir do momento que pesquisamos, buscamos o conhecimento, já conseguimos ter um norte para buscarmos a mudança. Quando se conhece o problema, fica mais fácil buscar possíveis soluções. Conhecimento abre um universo de possibilidades, sendo assim, há uma infinidade de caminhos que podem ser percorridos para chegar ao topo. As informações estão aí, por todos os lados, quem quer corre atrás. E nós, enquanto educadores, temos a obrigação de plantar a semente da conscientização, mostrar caminhos, dar o norte, quebrar os ciclos do "mito" para que tenhamos crianças e jovens responsáveis pelo meio ambiente e, logicamente, pela sobrevivência da humanidade (CÍRCULOS DE FORMAÇÃO, ANA, 11/11/20).

A fala de Ana nos remete ao processo descrito por Freire (2014, p.82), de que à medida que ampliamos nosso poder de “captação e de dar respostas às sugestões e às questões” que partem do nosso contorno, mais aumenta nosso poder de dialogação, não só com o outro, mas com o nosso mundo, o que favorece a transformação das realidades humanas.

Conhecimento, educação e conscientização

Os Círculos Formativos nos trouxeram diferentes oportunidades para a reflexão de nosso papel, enquanto homens e mulheres, educadores e educadoras, cidadãos e cidadãs, moradores e moradoras de Morro do Ferro, humanos, enfim. Considerando o encadeamento temático, a construção do



REVISTA
interritórios

Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253543>

conhecimento que pode levar à conscientização, por meio da educação, passou a compor a cena dialógica.

(...) Quando eu vim pra cá eu tinha muito medo. (...) Quando eu via aqueles barrancos, (...) sabe quando você enxerga aquela coisa horrível, que você pensa assim “meu Deus, isso aí existe mesmo de verdade?”. Dá uma impressão ruim. Então eu tinha muito medo, realmente, que eu ouvia muito as pessoas falarem que Morro do Ferro vai ser engolida pelos barrancos. (...) Aqui onde a gente mora era só voçoroca mesmo aqui no fundo. (...) E se a minha casa for embora no barranco? Com as chuvas. E se for tudo pra dentro do barranco? Eu tenho medo de morar aqui”. (...) E aí, com isso, a gente começou a pesquisar. Ele [o marido] começou a pesquisar, veio um pessoal até da UFLA. A Rede Globo veio aqui depois, porque ele fez um trabalho de contenção aqui no fundo da nossa casa, né?! (...) Então, assim, hoje eu não tenho mais medo. Por quê? (...). A gente plantou (...) E hoje tem árvores, tem gramíneas, né?! (...) Eu não tenho mais medo pelo que eu vejo no fundo da minha casa. Porque eu não vejo mais aquele barranco em terra vermelha, aqueles sacões, como a gente chama aqui. Eu vejo verde, eu vejo natureza, eu vejo árvores. Então isso me trouxe segurança. Então, com isso, eu acho, assim, cada um fazendo a sua parte dentro da sua casa, no fundo do seu quintal, eu acho que pode transformar essa visão, pode mudar essa realidade. Pode transformar essa visão de, ao invés de ver uma coisa feia, que dá medo, fazer alguma coisa pra conter e mudar, também, a paisagem. (CÍRCULOS DE FORMAÇÃO, ANA, 18/11/20).

Com base no dizer de Ana, é possível perceber que o desconhecimento acerca das condições geológicas de Morro do Ferro, juntamente à crença na lenda do padre, faziam com que as pessoas do lugar se amedrontassem com fatos que, em certa medida, podem ser passíveis de acontecer, como por exemplo a casa de Ana ser engolida, em meio ao barranco. Contudo, o trabalho de conscientização realizado pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), juntamente à imprensa, auxiliou esta e outros moradores a se protegerem da ameaça que as voçorocas representavam, modificando a forma como elas são



entendidas pela população atualmente, que convive com o problema, incorrendo na superação do medo de que algo sobrenatural e definitivo ocorra. Assim como Ana, Elena também mobiliza sua experiência como educadora e moradora de Morro do Ferro para viabilizar processos de (re)conhecimento das voçorocas, juntamente a seus alunos. A participante guia-se para além dos muros da escola, convidando seus alunos e alunas a vivenciar a experiência do saber-fazer, ao possibilitar a promoção de um ambiente mais participativo e dialógico.

Percebemos que as participantes, mesmo que de maneiras distintas, entendem a importância do (re)conhecimento daquelas voçorocas em suas experiências pedagógicas e/ou mesmo em experiências como moradoras de uma área em que se encontrava uma voçoroca. Para elas, o conhecimento, como resultado dos processos de aprendizagem, é a raiz de um mundo que por ele pode ser conhecido e transformado. Seja levando seus alunos e alunas para além da sala de aula e/ou por meio de pesquisas e trocas de conhecimentos com outros sujeitos, as participantes se inserem em um processo de conhecer, processo este que não se realiza no “isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires” (FREIRE, 2017b, p. 105).

Tomando o conhecimento, a educação e a conscientização como processos humanos, que não existem no abstrato, mas sempre aderidos a pessoas (BOUFLEUER, 2017), buscamos em suas intrínsecas relações a compreensão que cada participante da pesquisa-formação mobilizou durante nossos diálogos. Este momento também foi marcado por problematizações em torno do que viam e diziam. Indispensável ao processo de conhecer, perguntas formaram o eixo mediador entre os sujeitos, colocando-se como desafios nas situações propostas, orientando as discussões mobilizadas nos Círculos.

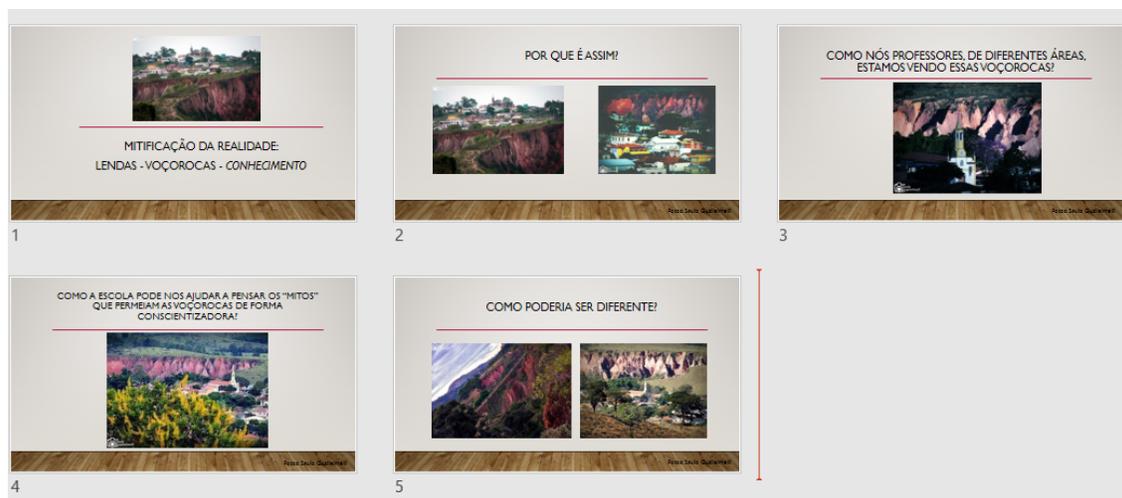
Para tanto, utilizamos mais uma vez de fotografias que representaram aquela terra e suas situações-limite. Partindo de uma escuta sensível do outro e,



*“Terra da gente, terra amada”!
Voçorocas, lendas e educação conscientizadora*

mediados pela dialogicidade, íamos debatendo a respeito do conhecimento, educação e conscientização.

Figura 4: apresentação em PowerPoint usada como guia para os diálogos descodificadores



Fonte: Fotografias de Saulo Guglielmelli.

O debate fomentou a seguinte expressão da participante Geralda:

(...) É assim porque a gente, simplesmente, deixou levar, a gente não cuidou. Acho que era mais fácil acreditar num mito e não preservar. E ainda eu vou completar. (...) A gente tem que dar graças a Deus de estar assim, porque poderia estar pior. (...) Hoje a gente tem muito mais consciência de que tem que preservar, de que tem que ser feito alguma coisa. Por exemplo, eu agora tô morando bem perto de um [barranco]. Então, assim, a gente já pensa em jogar terra pra poder ir tampando. Já tá pensando quais são as plantas ideais que pode plantar aqui perto, pra poder segurar, entendeu?! Eu nunca pensei que



REVISTA
interritórios

Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253543>

*“Terra da gente, terra amada”!
Voçorocas, lendas e educação conscientizadora*

eu fosse passar assim. Então, assim, a gente já tá correndo atrás de muda de bambu, já... “ah, essa pode plantar, essa não pode”. Entendeu?! Meu marido tá cada vez que passa mais... pede pessoas quando vai jogar, pra jogar a terra aqui. Pra não ter perigo pra ele ir cada dia mais esbarrancando, como a gente fala mesmo, né?! A gente fica com medo. Consciência de lixo a gente sempre teve, aqui em casa, mas por estar muito perto, aí a gente já fala com os meninos “não pode jogar lixo nenhum aqui, a não ser terra mesmo. Lixo nenhum, nem lixo orgânico. Se vocês verem alguém jogando lixo aqui, galinha morta”, porque as pessoas jogam, né?! “Vocês têm que avisar, pra gente tomar providência”. Então a gente, hoje, tem mais consciência. E todo mundo que mora em volta do barranco, acredito que tem essa consciência que eu não tinha antes, e que não tem um mês que eu estou morando aqui que estou tendo. Entendeu!? É interessante, né!? Que a gente é fruto do meio e fruto daquilo que vive naquele instante. É impressionante (CÍRCULOS DE FORMAÇÃO, GERALDA, 18/11/20).

A participante Geralda mobiliza em sua fala toda reflexão em torno de um passado que silenciou os processos de voçorocamento enquanto causas naturais e antrópicas, colocando-os na responsabilidade de um conto popular. Traz consigo a consciência de que é preciso fazer alguma coisa, que preservar é a melhor opção. Percebemos que, ao falar sobre consciência, Geralda a coloca no presente, indicativo de que o conhecimento que se tem hoje a respeito dos processos de voçorocamento culminou com uma maior conscientização daquele povo.

Em meio ao processo de conscientização, é preciso pensar como contribuir para que a lenda, considerada como um patrimônio da cidade de Oliveira, não se perca juntamente à história do distrito? Geralda relata que, ao propor um trabalho com os alunos da escola onde trabalha sobre a lenda, poucos participantes realmente sabiam do que a estória se tratava. Tampouco, alguns pais conheciam a lenda do padre, o que chocou nossa participante, que advém de um cenário no qual, ela própria, demonstrou ter medo das



REVISTA
interritórios

Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253543>

consequências de uma ameaça a uma figura tão ilustre para a fé cristã como um padre.

Felizmente há em Morro do Ferro um trabalho de preservação histórica, que mantém viva essa memória e permite que os jovens possam conhecer e contar as lendas que permeiam o lugar, mas sob um ponto de vista diferente: sob o ponto de vista da história e da cultura e não mais do medo e da opressão. Essa é uma diferença e uma superação, com vistas à emancipação do distrito.

(...) Esse ano, mesmo estudando à distância, em agosto nós fizemos um trabalho pedindo aos alunos que nos contassem a história da lenda. Pouquíssimos sabiam. Muitos falaram que nunca tinham ouvido falar, tiveram que perguntar aos pais. Tinha pais que nem tinham, nunca tinham ouvido falar também. Achei interessante, sabe?! Eu falei assim "meu Deus". (...) Pra nós, pra mim, era, nossa senhora, era o padre mesmo. Mas com o tempo, com esse processo de conhecimento, a gente vai vendo que não é assim. E esse processo de conhecimento nos ajuda a ter cada dia mais essa conscientização mesmo. (...) ou eu preservo ou o barranco vai me engolir. (CÍRCULOS DE FORMAÇÃO, GERALDA, 11/11/20).

Em falas como: “mas com o tempo, com esse processo de conhecimento, a gente vai vendo que não é assim. E esse processo de conhecimento nos ajuda a ter cada dia mais essa conscientização mesmo”, Geralda mobiliza sentidos que foram sendo (re)construídos ao longo de sua experiência existencial. Depara-se com a importância dos processos de conhecimento para a captação de uma realidade não mais estática, mas uma realidade que, ao ser objetivada, pode ser transformada com sua ação-reflexão (FREIRE, 2017b). Por intermédio deste núcleo de problematizações, as professoras e professores foram convidados a refletirem sobre suas colocações e, por meio de uma ação dialógica, construíram olhares sobre sua própria ação no ato de conhecer.



*“Terra da gente, terra amada”!
Voçorocas, lendas e educação conscientizadora*

Quando a gente abre a cabeça, a gente lê, a gente estuda, a gente tem um conhecimento maior das coisas, a gente tem mais argumentos. E com esses argumentos a gente trabalha melhor, a gente consegue convencer melhor as pessoas, a gente consegue conscientizar melhor as pessoas. Então, através do conhecimento, você consegue mudar a realidade também (CÍRCULOS DE FORMAÇÃO, ANA, 11/11/20).

Em seu relato, Ana também aponta para a importância do ato de conhecer, o que nos remete à vocação ontológica do ser humano que, ciente de sua incompletude e de seu inacabamento, se insere em uma busca permanente, da qual o próprio homem é sujeito e que se inicia nas relações que os homens travam com o seu mundo, cujo objetivo é a humanização, o ser mais. A esse respeito, Paulo Freire afirma que “o homem só pode participar ativamente da história, da sociedade e da transformação da realidade se for ajudado a tomar consciência da realidade e de sua própria capacidade de transformá-la [...]” (FREIRE, 1980, p. 75-76).

Ainda nesta obra Freire (1980) situa que existe uma relação direta entre a reflexão acerca da própria realidade e a criação de uma consciência crítica, em contraposição à consciência ingênua, que ele tanto denuncia em seus escritos. “Quanto mais o ser humano refletir sobre a realidade, sobre a sua situação concreta, mais emerge plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la”, afirma Freire (1980, p. 25).

Ou seja, é por meio da reflexão crítica sobre a realidade que, nós, sujeitos, nos constituímos mais vigilantes aos assujeitamentos que nos condicionam, e poderemos traçar formas para transformar realidades opressoras, que ora se instauram.

A conscientização é isto; tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização. É evidente e



REVISTA
interritórios

Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253543>

*“Terra da gente, terra amada”!
Voçorocas, lendas e educação conscientizadora*

impressionante, mas os opressores jamais poderão provocar a conscientização para a libertação: como desmitologizar, se eu oprimo? Ao contrário, porque sou opressor, tenho a tendência a mistificar a realidade que se dá à captação dos oprimidos, para os quais a captação é feita de maneira mística e não crítica. O trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmistificação. (FREIRE, 1980, p. 16).

Outros elementos são adicionados ao diálogo, para além da crença, para além da lenda, para além da opressão que o medo parece representar na consciência de nossos participantes. No caso de João, este ainda reconhece a importância da praga, mas considerando, também, que existem outros fatores que explicam as voçorocas: como o fato de ser frágil o solo de Morro do Ferro, bem como a ação humana sobre ele.

Logicamente que a praga do padre rogada pelo padre, parece ter afetado de alguma forma. Mas, o solo ao redor de Morro do Ferro é frágil. Ainda tem a ação do homem que contribuiu com o aumento das voçorocas, através de lixos jogados, queimadas e não fizeram nada para ajudar a conter o avanço das voçorocas. Creio que naquele tempo que ocorreu a praga do padre, a população em si, ficava de mãos atadas sem poder fazer nada. Por que a crença era maior, opressora. Quando perceberam que não era apenas a praga que estava aumentando as voçorocas e viram outros fatores, a ação do homem, a ação da natureza (chuvas) principalmente, aí tomaram algumas medidas para conter o avanço (CÍRCULOS DE FORMAÇÃO, JOÃO, 11/11/20).

O educador João demonstra compreender o impacto de seus conhecimentos, dentro e fora da sala de aula, ao afirmar que a conscientização gerada nos alunos poderá ser estendida, para além deles, em suas casas, com seus pais, vizinhos e demais membros do círculo social do qual fazem parte. Parece haver uma crença no poder geracional, no sentido de que os estudantes, sendo mais novos e mais despidos de preconceitos, serão agentes importantes



REVISTA
interritórios

Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253543>

*“Terra da gente, terra amada”!
Voçorocas, lendas e educação conscientizadora*

de conscientização, em um nível mais avançado, em relação aos que lhes antecederam. Segundo João, isso reforça a responsabilidade “pra gente ir tocar no fundo do coração dessas pessoas, dos nossos alunos, pra ver que tem que fazer, colocando uma pedrinha de cada vez, para no futuro não ter o ilhamento que tá Morro do Ferro hoje” (CÍRCULOS DE FORMAÇÃO, JOÃO, 24/11/20).

Também a escola é pensada pelos participantes como espaço para a promoção da conscientização. Conforme Geralda destaca no excerto a seguir, a escola tem cumprido o seu papel no que diz respeito ao desvelamento da lenda do padre à comunidade, sendo, em parte, responsável pelas mudanças realizadas nas práticas sociais dos morroferrenses. Geralda ainda compara a forma como o ensino tem sido oferecido, atualmente, com a forma com a qual ela foi escolarizada, reforçando que muitas mudanças são notáveis.

A escola tem esse papel importantíssimo aí na conscientização. E cada dia que passa ela tem mais ainda. Eu acho que se está... se os alunos já melhoraram muito a questão de como eles veem essa questão do barranco e do mito, é por causa da escola. Dessa conscientização, desse trabalho, né?! Que foi feito no decorrer desses últimos 15 anos aí. Porque na minha época não era feito. Isso é feito de uns anos pra cá. De uns dez, 15 anos pra cá... 20 anos pra cá. Que é feito com bastante empenho mesmo, e que nós todos falamos, nós do primeiro ao quinto e, principalmente, os professores aí do sexto ao nono e do ensino médio. Faz um trabalho exemplar (CÍRCULOS DE FORMAÇÃO, GERALDA, 18/11/20).

Entendemos que essas diferenças relatadas pela educadora sejam possíveis porque, por estar alocada em um cenário de dominação e exploração humana, a escola não pode silenciar frente às necessidades sociais de seus educandos, devendo, ao contrário disto, acompanhar e sensibilizar a comunidade escolar para a leitura crítica de sua realidade, com vistas a poder compreendê-la e a engajar-se em ações que a possam transformá-la.



REVISTA
interritórios

Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253543>

Ao redigir seu trabalho, sugerimos o uso de não mais de três níveis de subtítulos.

Em forma de conclusão, alguns sentidos da experiência

Na raiz de nossos Círculos Formativos está a educação como um ato político (FREIRE, 2017a), capaz de buscar relações entre os conteúdos programáticos e a vida de estudantes e professores. Vida que se faz existência imbricada ao processo educativo. Ao demonstrar a importância da cultura na vida e no cotidiano dos morroferrenses, os encontros resultaram em reflexões acerca da forma por meio da qual os participantes puderam questionar estruturas de opressão, o que contribui para que estratégias de superação das assimetrias sociais sejam construídas, coletivamente, em meio ao diálogo e interação humanizantes.

Nestas oportunidades, os professores puderam se expressar por diferentes vias, o que os tornou agentes neste processo de mudança. A “cultura do silêncio” (BASTOS, 2017, p.225) imposta onde há “opressão do medo” pode ser rompida, justamente, com oportunidades como esta, nas quais é possível dizer a palavra própria no movimento de refletir sobre a própria realidade.

Durante minha participação nos Círculos Formativos nossos diálogos proporcionaram mais que conhecimento, nos deram a oportunidade de conhecer. Conhecer melhor o outro, ter tempo para ouvir e ser ouvido. Isso na nossa prática, mais que nunca se torna essencial. Ensinar, aprender, jamais esquecendo o ser humano, seus anseios, sonhos e lugar onde vive (RELATO ESCRITO, CÍNTIA).

O relato feito pela professora Cíntia nos ajuda a perceber o quanto os Círculos Formativos podem se constituir como espaços dialógicos que, mais do



Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253543>

que oportunizar conhecimentos, fomentem o próprio ato de conhecer. Os sentidos que foram produzidos se relacionam a uma prática docente alicerçada pelo reconhecimento do outro e nos aproximaram da realidade concreta, vivida e falada por aqueles participantes, realidade encarnada de temas da vida, vida que aos poucos vai se fazendo formação. Nossos Círculos Formativos se transformaram em espaços generosos e amorosos, por meio dos quais foi possível aprender a ler a realidade de Morro do Ferro, pelos olhos de quem mais a admiram: seus filhos e filhas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Márcio. São João Batista, Morro do Ferro – Berço pequeno de um Grande Povo. *In.*: ALMEIDA, Márcio; RIBEIRO, João. Bosco. **História Contemporânea de Oliveira** 1961-2011. Oliveira, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Método Paulo Freire**. 17^o ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cultura Popular. *In.*: STRECK, Danilo R.; Zitkoski, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 3^a ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; OLIVEIRA, Mariza Soares de. Pesquisa-formação, abordagem (auto) biográfica e acompanhamento: (RE)construindo pontes entre a Universidade e a Escola. *In.*: **X Congresso Nacional de Educação** – EDUCERE, 2011, Curitiba. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5580_2508.pdf>. Acesso em: 15 Set. 2020.

BOUFLEUER, José Pedro. Conhecer/conhecimento. *In.*: STRECK, Danilo R.; Zitkoski, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 3^a ed. Belo Horizonte:



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253543>

Autêntica Editora, 2017.

BASTOS, Fábio da Purificação de. Dizer a sua palavra. In: STRECK, Danilo R.; Zitkoski, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Moraes. 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 38ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 55ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2017a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 64ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017b.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 3ª ed. Organização e notas Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

FREITAS, Antônio Ananias da Silveira. Razão de ser da História de Morro do Ferro. In.: ALMEIDA, Márcio; RIBEIRO, João. Bosco. **História Contemporânea de Oliveira 1961-2011**. Oliveira, 2011.

GADOTTI, Moacir, 2001. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis.

GOMIDE, Plínio Henrique Oliveira *et al.* Atributos físicos, químicos e biológicos do solo em ambientes de voçorocas no município de Lavras – MG. In.: **Revista Brasileira de Ciência do Solo**, vol. 35, núm. 2, 2011, p. 567-577.

HENZ, Celso Ilgo. Presença. In.: STRECK, Danilo R. REDIN, Euclides.; Zitkoski, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica



Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253543>

Editora, 2017.

MARTINS, Eduardo Ribeiro. Atributos ambientais do Município de Oliveira. *In.*: ALMEIDA, Márcio; RIBEIRO, João. Bosco. **História Contemporânea de Oliveira** 1961-2011. Oliveira, 2011.

PERRELLI, Maria Aparecida de Souza *et al.* Percursos de um grupo de pesquisa-formação: tensões e (re)construções. *In.*: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.94 n.236, p.275-298, 2013.

PRADA, Eduardo Alvarado. Metodologias de pesquisa-formação de professores nas dissertações, teses: 1999-2008. *In.*: **Seminário ANPEd Sul** – Caxias do Sul – 29 de julho a 01 de agosto de 2012.

RAMOS, Bruna Sola da Silva. Cartas a Paulo Freire: Denúncias de opressão, anúncios de liberdade. *In.*: **Revista e-Curriculum** do Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo da PUC-SP, v.19, n.3, p. 1174-1197 2021.

RONCO, Carla Helena Bettini. **Pesquisa-formação com professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental**: narrativas de experiências formativas e o desenvolvimento profissional. 2019. 77f. Dissertação de Mestrado (Mestrado Profissional) – Pontifca Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2019.

Submissão em 16 de março de 2022.

Aceite em 31 de março de 2022.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>